

**A FORTUNA CRÍTICA DA ÉCLOGA V,  
“A QUEM DAREI QUEIXUMES NAMORADOS”,  
NAS PRINCIPAIS EDIÇÕES MODERNAS  
DA OBRA LÍRICA DE CAMÕES**

Marina Machado Rodrigues (UERJ e UFF)  
[mr.marina@terra.com.br](mailto:mr.marina@terra.com.br)

**RESUMO**

Este estudo tem por objeto a descrição do percurso de transmissão da écloga V, “A quem darei queixumes namorados”, de Luís de Camões, nas principais edições modernas da obra lírica.

**Palavras-chave:** Crítica Textual. Lírica de Camões. Écloga V.

A écloga V, de Luís de Camões, “A quem darei queixumes namorados”, compõe-se de 40 estrofes de oito versos decassílabos, obedecendo a um esquema fixo, (abababcc), caracterizando a oitava heróica, o mesmo utilizado por Camões em *Os Lusíadas*. Somente 5 das 8 éclogas reunidas pela *editio princeps* integram o *corpus minimum*<sup>1</sup>. A IV, a V e a VIII não possuem testemunho manuscrito, mas permanecem incólumes. Destas, as duas últimas apresentam um único personagem: “A quem darei queixumes namorados”, em que fala um pastor namorado e “Arde por Gualathea branca, e loura” (f. 133), enunciada pelo pastor Sereno. As demais são diálogos: a I, “Que grande variedade vão fazendo” (f. 71), entre Umbrano e Frondélio; a II, “Ao longo do sereno” (f. 81), cujos pastores são Almeno e Agrário; a III, “Passado já algum tempo que os amores” (f. 93), em que dialogam Almeno e Belisa; a IV, “Cantando por um vale docemente” (f. 100), em que falam Frondoso e Duriano; a VI, “A rústica conten-

---

<sup>1</sup> O conceito de *corpus minimum* foi enunciado por Leodegário A. de Azevedo Filho na obra *Lírica de Camões. História, metodologia e corpus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, com base na metodologia proposta por Emmanuel Pereira Filho, que instituiu os critérios para a composição de um *corpus* mínimo, básico ou irredutível da lírica de Camões, com base em três exigências: triplo testemunho manuscrito incontroverso. Azevedo Filho propôs a flexibilização do conceito, admitindo o duplo testemunho quinhentista incontroverso para os textos camonianos, constituindo um *corpus* com 133 composições, compreendendo: sonetos, canções, éclogas, elegias em tercetos, oitavas, odes e composições em versos de redondilhas.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

da desusada” (f. 115), cujo diálogo se dá entre Alicuto pescador e Agrário pastor; e a VII, “As doces cantilenas que cantavam” (f. 121), em que falam o Primeiro Sátiro e o Segundo Sátiro.

Nos comentários de Faria e Sousa (1972, II, p. 263) à écloga V, o autor faz restrições à estrutura do texto, mas observa que Virgílio e outros poetas usaram o mesmo modelo:

*Introduce el P. un Pastor solo enamorado, y quexoso de los rigores de su amada. La ecloga 6. de Virgilio, es de Sileno solo; y otros las hizieron assi, mas yo confieso, que me enfadan mucho estas soledades, aunque las use el propio Virgilio, e el propio Camoens: pero por una vez todo se puede sufrir.*

La voz Ecloga, no obliga, a que aya dos o tres interlocutores; pues solamente significa la explicacion, que alguno haze de sus pensamientos o de los agenos: pero ordinariamente se entiende por Ecloga el coloquio de dos, o tres y no o soliloquio de uno, que a toda verdad es seco, se es corto, y molesto se es largo. Agrada mucho mas o coloquio, o dialogo.

O insigne camonista não parece ter levado em consideração a VIII, quando afirma que “por uma única vez tudo se pode sofrer”.

### ***1. A edição de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira (1932)***

Rodrigues e Vieira reconhecem que o problema dos textos corrompidos remonta à primeira edição e que nesta, já no prefácio, se “evidencia consciência crítica notável”. Afirmando que sua edição tomou por base as duas do século XVI, nas quais “se fez sentir a influência dêsse honrado e culto letrado, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, assaz esquecido pelos camonistas e, sem dúvida, o salvador do tesouro camoniano lírico” (p. XXVII e XXVIII).

Embora os editores de 32 garantam ter agido com semelhante lisura em relação à transmissão dos textos, creem que:

Perante a lástima de versos espedaçados no sentido, na métrica e na rima, tornados informes de má prosa, impunha-se o temeroso dever de tentar reconstituí-los, desde que fosse possível operar com o mínimo de intervenção, deste modo obtendo as mais sérias probabilidades de êxito. Na quasi totalidade de casos, bastou antepor ou transpor as próprias palavras de cada um dos versos para que se obtivesse a correção original que a cópia desbaratara (p. XXXVI).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O confronto entre RH e RI e a edição de 32 nega tal asserção. Afora a modernização da ortografia, divergências na pontuação e a regularização no uso de maiúsculas, a edição recusa as leituras mais confiáveis das edições quinhentistas. Este fato causou-nos enorme perplexidade, já que os editores de 32 não consideravam o editor seiscentista digno de crédito. Quer nos parecer que tal julgamento só valeu para as atribuições autorais, uma vez que sua “edição crítica” reproduz quase que integralmente as leituras emendadas de FS. Em raros momentos, discriminados a seguir, os editores recusaram a versão de 1685, acatando as de RH ou as de RI. Em relação às formas de época, de modo arbitrário, a edição moderniza algumas e resgata outras, já recusadas por Faria e Sousa, revelando total falta de critério. Acertadamente, mantém *emquanto* (vs. 25); *valerosas* (vs. 37); *emfim* (vs. 106); *ũa* (vs. 305). Mas propõe a modernização de outras, demonstrando desrespeito pelo *usus scribendi* do Poeta e da época.

Inexplicavelmente, a edição mantém separadas as partes do advérbio *por ventura* – grafia arcaica, século XIII, também usada por Faria e Sousa (vs. 69) – e a conj. *se não*, (vs. 72). Por outro lado, grafa *porque* ao invés de *por que* (prepos.+ pron., vs. 229). Também não regulariza o uso do hífen em *bem querer-te*.

Como se depreende de nosso confronto, a edição de 1932 não é uma edição crítica, nem no que tange à autoria, nem à leitura dos textos. Trata-se de uma cópia servil da edição de Faria e Sousa, recusando apenas 5 versos da versão seiscentista, da qual reproduz inclusive a epígrafe traduzida: “Pastor solo” (FS, II, p. 263); “Fala um só pastor” (RV, p. 195).

### **Modernização de formas de época**

Versos	RV	RH/RI	FS
61; 231; 257	<i>Formosa</i>	<i>fermosa</i>	<i>fermosa</i>
77, 81, 92, 94, 95, 163, 197, 250, 275:	<i>Água</i>	<i>agoa</i>	<i>água</i>
99, 148	<i>formoso(s)</i>	<i>fermoso (s)</i>	<i>fermoso(s)</i>
165; 302	<i>Céu</i>	<i>céo</i>	<i>céo</i>
302	<i>Apiadou</i>	<i>apiadou</i>	<i>apiadou</i>
315	<i>Ergueu</i>	<i>ergueo</i>	<i>ergueo</i>

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

**Divergência de formas concorrentes (em relação à edição de FS)**

Versos	RV	RH/RI	FS
48, 183	<i>Assim</i>	<i>assi</i>	<i>assi</i>
142; 284	<i>Depois</i>	<i>despois</i>	<i>despoys</i>
153	<i>Inimiga</i>	<i>inimiga</i>	<i>enemiga</i>
218	<i>Cobiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>

**Divergência de leitura (em relação à edição de FS)**

Verso	RV	RH, RI	FS
17	<i>A vós se dem a quem junto se há dado</i>	<i>A vos se dem a quem a quem junto se há dado</i>	<i>A vós se dam a quem</i>
42	<i>E o mais do dia já era passado</i>	<i>E o mais do dia ja era passado,</i>	<i>E o mais do roxo dia era passado</i>
73	<i>Já um peito abrandara que não sente</i>	<i>Ja hum peito abrandara que não sente</i>	<i>Hum bronze já abrandara que não sente</i>
118	<i>Em vez de se alegrarem, se entristecem;</i>	<i>Em vez de se alegrarem se entristecem/entristecem,</i>	<i>Em lugar de alegrarse, se entristecem</i>
298	<i>Deu o triste pastor fim a seu pranto</i>	<i>Deu o triste pastor fim a seu canto</i>	<i>Deu o triste Pastor fim a seu canto</i>

**Emendas a versos defeituosos**

Versos	RV	RH	RI	FS
11	<i>Meu rudo verso; em cuja companhia</i>	<i>Meus rudos versos, em cuja companhia</i>	<i>Meu rudo verso, em cuja companhia</i>	<i>Meu rudo verso, em cuja companhia</i>
33	<i>As vãs querellas brandas e amorosas,</i>	<i>As vãs querellas bandas e amorosas,</i>	<i>As vãs querellas brandas e amorosas,</i>	<i>As vãs querellas brandas e amorosas,</i>
49	<i>Ou tu do monte Píndaso és nascida,</i>	<i>Ou tu do monte Pindaro es nascida,</i>	<i>Ou tu do monte Píndaso es nascida,</i>	<i>Ou tu do monte Píndaso es nascida,</i>
224	<i>Amor, a quem já, já ferido o tinha</i>	<i>E a amor a quem ja ferido o tinha</i>	<i>E a amor a quem ja ferido o tinha</i>	<i>Amor a quem já, já, ferido o tinha</i>
240	<i>E a mais, que pera mais he meu tormento</i>	<i>E mais, que pera mais he meu tormento</i>	<i>E a mais, que para mais he meu tormento</i>	<i>E a mais, que para mais he meu tormêto</i>
275	<i>Pôsto-que vãs por água, ferro ou fogo,</i>	<i>Posto que va por agoa, ferro ou fogo,</i>	<i>Posto que vas por agoa, ferro, ou fogo,</i>	<i>Posto que vãs por agua, ferro, ou fogo,</i>

## 2. A edição de Álvaro Júlio da Costa Pimpão (1944)

Já na introdução, Pimpão define os critérios para a constituição de um *corpus* camoniano, não sem antes observar, defensivamente, não se tratar a sua de uma edição crítica que, segundo juízo próprio, “seria, pelo menos, prematura, caso fosse julgada possível”. Assevera que sua edição “pretende ser, não obstante suas imperfeições (...), uma tentativa inédita de restituição da lírica de Camões” (1973, p. XI).

Justamente por não se tratar de uma edição crítica e pelo julgamento extremamente rigoroso que dispensou às edições de 1685 e 1932 no que respeita à transmissão dos textos, após confronto desta com RH - texto-base, da qual foi reproduzida inclusive a epígrafe - causam estranhamento as divergências encontradas.

O cotejo revelou que inúmeros versos foram modificados, emendados ou corrigidos sem qualquer justificativa plausível. Ora, se não se trata de uma edição crítica, acreditávamos que o Prof. Pimpão deveria reproduzir as leituras do texto-base. Contudo, já que se propôs interferir, perguntamo-nos porque teria o editor deixado passar erros tão gritantes, como no vs. 11: “Meus rudos versos, em cuja companhia”, hipermétrico na primeira edição, mas corrigido na segunda? Ou no vs. 158: “Nem campo sem ti já não floresce”, em que suprime o artigo antes de *campo*, deixando o verso hipométrico? No vs. 275, um possível erro de transcrição em RH provoca outro de concordância: “Posto que va por agoa, ferro ou fogo,”. RI corrige, trocando *va* por *vas*, seguido por Faria e Sousa, mas Pimpão segue a primeira edição. Ainda no vs. 240, RH exhibe um erro de regência (“E mais, que pera mais he meu tormento”), mantido na edição de 44, embora a 2ª edição o tivesse corrigido: “E a mais, que para mais he meu tormento”.

Também parece inexplicável, a não ser por evidente lapso, que no vs. 159 acentue o verbo *ver* na 3ª p. pl. do pres. do Indicativo - *vêm* - que no século XVI e nem nos imediatamente posteriores era acentuado.

Afora a regularização do uso de maiúsculas, mudanças na pontuação e um confuso critério usado para a atualização da ortogra-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

fia – já que ora mantém as consoantes dobradas, ora não – lamentavelmente, constata-se que a edição de 44 modernizou algumas formas linguísticas do século XVI, demonstrando desrespeito pelo *usus scribendi* da época.

No século XVI, conviviam livremente formas populares e eruditas, arcaísmos e formas reconstituídas. Como as normas gramaticais só começaram a ser fixadas nos fins daquele século, era natural que os textos das últimas décadas dos Quinhentos e início dos Seiscentos refletissem as oscilações sintáticas, fonéticas, semânticas e morfológicas. A edição de 44 revela predileção por algumas formas recorrentes no século XVI, recusando muitas vezes aquelas veiculadas pela *editio princeps*, como se demonstra nos quadros comparativos.

Dentre as edições modernas, esta é geralmente considerada uma das melhores, muito embora o editor tenha proposto emendas ao texto de base, algumas das quais em lição isolada. Quer-nos parecer que não usou consigo do mesmo rigor com que julgou seus antecessores. Mantém separadas as partes da conj. *senão* - “*se não*” (vs. 72), mas moderniza a forma do advérbio em *porventura* (vs. 69). Não regulariza o uso do hífen, em bem querer-te, grafia também adotada por RV. Prefere *porque* ao invés de *por que* (prepos.+ pron., vs. 229), inexplicavelmente, uma vez que moderniza outras tantas formas.

### Modernização de formas de época

Versos	P	RH/RI	FS
25, 103, 278, 282	<i>enquanto</i>	<i>em quanto</i>	<i>em quanto</i>
77, 81,92, 94, 95, 163, 197, 250, 275	<i>água</i>	<i>agoa</i>	<i>agua</i>
106,112	<i>enfim</i>	<i>em fim</i>	-
159	<i>vêm</i>	<i>vem</i>	<i>vem</i>
165, 302	<i>céu</i>	<i>cêo,céo</i>	<i>ceo</i>
315	<i>ergueu</i>	<i>ergueo</i>	<i>ergueo</i>

### Divergência de formas concorrentes

Versos	P	RH/RI	FS
3,104	<i>suspiro(s)</i>	<i>sospiro(s)</i>	<i>suspiro(s)</i>
6	<i>Devido</i>	<i>diuido</i>	<i>devido</i>
19, 25 283	<i>esprito</i> <i>Spirito</i>	<i>sprito</i> <i>spiritu</i>	<i>esprito</i> <i>esprito</i>
36, 94, 115,	<i>com</i> <i>co</i> <i>co</i>	<i>co/com</i> <i>co</i> <i>co/com</i>	<i>com</i> <i>com</i> <i>com</i>

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

250	<i>Co</i>	<i>côa/co</i>	<i>com</i>
44, 134, 319	<i>Cuidado</i>	<i>cadado</i>	<i>cuidado</i>
46	<i>Cuidando</i>	<i>cadando</i>	<i>cuidando</i>
48	<i>Dezia</i>	<i>dizia</i>	<i>dezia</i>
59	<i>Veia</i>	<i>vea</i>	-
70, 71, 150 319	<i>milhor</i> <i>milhor</i> <i>milhor</i> <i>Milhor</i>	<i>melhor</i> <i>melhor/igoal</i> <i>melhor/menos</i> <i>melhor</i>	<i>melhor</i> <i>igoal</i> <i>menos</i> -
80	<i>Pequeno</i>	<i>piqueno</i>	<i>pequeno</i>
145	<i>Despois</i>	<i>depois</i>	<i>depois</i>
146	<i>Pace</i>	<i>pasce/pace</i>	<i>pace</i>
209	<i>Leão</i>	<i>lião</i>	<i>leam</i>
217	<i>Embuscado</i>	<i>emboscado</i>	<i>emboscado</i>
218	<i>cobiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>
238	<i>puderam</i>	<i>poderão/podérão</i>	<i>puderam</i>
319	<i>cuidar</i>	<i>cular</i>	-

**Divergência de leitura**

<b>Versos</b>	<b>P</b>	<b>RH</b>	<b>RI</b>	<b>FS</b>
54	<i>Ou tens de natureza tal ventura</i>	<i>E tês de natureza a tal ventura</i>	<i>E tês de natureza a tal ventura</i>	<i>Ou tens da natureza tal ventura</i>
56	<i>Tornar-te só de mármore o coração</i>	<i>Tornarte sò de marmore o coração</i>	<i>Sô de marmore tornarte o coração</i>	<i>Sò de marmor tornarte o coração</i>
63	<i>Mas suspirar por ti, mas bemquerer-te</i>	<i>Mas suspirar por ti, e bemquererte</i>	<i>Mas suspirar por ti, e bemquererte</i>	<i>Mas suspirar por ti, mas bemquerer-te</i>
96	<i>Por que com esta o fogo mais se acende</i>	<i>Por que com esta o fogo mais me acende</i>	<i>Por que com esta o fogo mais me acende</i>	<i>Por que com esta o fogo mais se acende</i>
110	<i>Na terra o lavrador, e nela cansa:</i>	<i>Na terra o lavrador se nella cansa,</i>	<i>Na terra o lavrador se nella cança,</i>	<i>Da terra o lavrador, se nella cança:</i>
114	<i>De dó de mim, se cerram e emmurhecem;</i>	<i>De dô de mĩ se cerrão e emmurchescem,</i>	<i>Com dô de mĩ se cerrão e emmurhecem,</i>	<i>Condoídas se cerram, se emmurchessem:</i>
116	<i>Perdem o cravo, o lírio, e não florecem.</i>	<i>Perdem o crauo, e lírio, e não florecem,</i>	<i>Perdem o crauo, e lírio, e não florecem,</i>	<i>Perdem o cravo, o lírio, e nam florecẽ.</i>
120	<i>Que mais lhes dói, que a sua, a minha pena.</i>	<i>Que mais lhedoe que a sua a minha pena.</i>	<i>Que mais lhedoe qu'a sua a minha pena.</i>	<i>Que mais lhes doe, q a sua, a minha pen.</i>
191	<i>Pois onde merecia tão grão</i>	<i>Pois onde meresci tão grão</i>	<i>Pois onde mereci tão grão</i>	<i>Onde o meu erro viste, ou</i>

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

	desvio?	desuio?	desuio?	desvario,
195	O animal mais <i>simples</i> , baixo e rudo	O animal mais <i>simple</i> , baixo e rudo	O animal mais <i>simples</i> , baixo e rudo	O <i>mais simple</i> animal, baixo, e rudo,
211	Em <i>que</i> possa empregar <i>ũa</i> afeição,	Em <i>quem</i> possa empregar <i>hũa</i> afeição,	Em <i>quem</i> possa empregar <i>hũa</i> afeição,	Em <i>quem</i> possa empregar <i>hũa</i> afeição,
238	Te puderam mover a grande espanto	Te poderão mouer a grande espanto,	Te poderão mouer a grande espanto,	Te puderam mover a grande espanto,
239	A dor, a piedade, o sentimento,	A dor, a piedade, <i>a</i> sentimento,	A dor, a piedade, <i>a</i> sentimento,	A dor, a piedade, <i>a</i> sentimento,
258	<i>Alegre</i> toda a terra vendo o dia,	<i>Alegra</i> toda a terra <i>a</i> vendo o dia,	<i>Alegre</i> toda a terra vendo o dia,	<i>Alegre</i> toda a terra vendo o dia,
295	<i>E inda</i> então será (se isto ser possa)	<i>Inda</i> então será (se isto ser possa)	<i>E inda</i> então será (se isto ser possa)	E ainda entam vereys (se isto ser possa)
309	Berrando anda em roda o <i>mesmo</i> gado	Berrando anda em roda o <i>manso</i> gado,	Berrando anda em roda o <i>manso</i> gado,	Berrando andava em roda o <i>mãso</i> gado,

**Emendas a versos defeituosos**

Versos	P	RH	RI	FS
33	As vãs querellas <i>brandas</i> e amorosas,	As vãs querellas <i>bandas</i> e amorosas,	As vãs querellas <i>brandas</i> e amorosas,	As vãs querellas <i>brandas</i> , e amorosas,
49	- Ou tu do monte <i>Píndaso</i> és nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaro</i> es nascida,	Ou tu do monte <i>iúndaso</i> es nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaso</i> es nascida,
224	E <i>amor</i> , a quem já ferido o tinha.	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha.	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha.	<i>Amor</i> a quem <i>jã</i> , <i>jã</i> ferido o tinha.

### 3. A edição de *Hernani Cidade* (1946)

De acordo com a introdução, seus textos basearam-se, em geral, nas leituras veiculadas pela primeira edição. Mas a epígrafe, “A Dom Antonio de Noronha”, vem acrescida da que se exhibe na edição de RV (1932): “Fala um só Pastor” que, por sua vez, já fora uma tradução da edição de Faria e Sousa: “Pastor solo”.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O editor declara que nem sempre foi possível reproduzir a “lição original”, no caso, a de RH. Para tanto justifica-se, apontando as variantes, em notas de pé de página ou no final do volume, porque:

(...) na verdade, em mais de um passo a lição original é de toda a evidência defeituosa por adulterada, e quando a modificação se circunscreva a um retoque levíssimo, não pode haver escrúpulo em a fazer, tanto mais que se dá, em nota na mesma página ou nas variantes do fim do volume, a lição primitiva; e tanto mais, principalmente, quanto os próprios editores confessam o viciado das lições que nos dão, copiadas de manuscritos cheios de erros. Em segundo lugar, esta edição foi composta sobre a de 1932, o que já deixa adivinhar que, por muita cautela que houvesse nas modificações que sobre o texto corrigido e modernizado restauraram as formas das primeiras edições, uma ou outra escapou a tal restauro. (...) De qualquer modo, ou nas Variantes ou nas Notas está visivelmente marcado o que é da responsabilidade do editor. (p. L)

O confronto desta com a edição de 32 não permite a afirmação de que esta seguisse aquela. A começar pelo fato de que RV reproduziram quase que integralmente a versão de FS. A de Cidade, ao contrário, se baseia quase que na totalidade na de 1944, fato não assumido por ele, que declara ser RH seu texto-base. É importante que se destaque que só indiretamente a leitura de HC se reporta a RH e, no caso de correções a versos imperfeitos, adota quase sempre as mesmas soluções propostas por Pimpão.

Afora a regularização do uso de maiúsculas e mudanças na pontuação, também este editor mostra preferência por formas correntes no século XVI, diferentes das veiculadas pelo texto-base confesso. Coincidentemente, elegeu as mesmas que se veem na edição de 44, embora afirme que sua edição se baseia na de 32. Também, aqui, lamentavelmente, constata-se a modernização de formas linguísticas do século XVI, manifestando o mesmo desrespeito pelo *usus scribendi* da época que seu antecessor já demonstrara. Reproduz alguns erros que se exibem na edição do Prof. Pimpão, como a acentuação da forma *dêm*, por *dem* (vs. 17). Entretanto, a edição do Prof. Hernani Cidade, como a anterior, não se assume como edição crítica. Afirma ele a propósito:

Uma edição de toda a obra de Camões, destinada a esta colecção, é bem claro que não pode ter o carácter de uma edição crítica, mas também se compreende não deixe de constituir seguro ponto de partida para estudos mais aprofundados, que excedam o mero interesse estético. (1946, p. XXX)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Talvez, sob esta ótica, o editor se tenha permitido liberdades só admitidas nas verdadeiras edições críticas. Como a anterior, esta não corrige os versos 240 e 275, respectivamente: “E mais, que pera mais he meu tormento” e “Posto que va por agoa, ferro ou fogo,” e-xibidos na edição de 44.

Mantém separadas as partes do advérbio *porventura*, (*por ventura* - vs. 69), grafia do séc. XIII, do mesmo modo procedendo em relação à conj. *senão*, grafada *se não*, (vs. 72). Entretanto em relação a *porque* (prepos.+ pron., vs. 229), o editor mantém o conglomerado ao invés de separá-lo, como seria o caso. Confira-se o cotejo nos quadros comparativos.

### Modernização de formas de época

Versos	HC	RH/RI	FS
25, 103, 278, 282	<i>enquanto</i>	<i>em quanto</i>	<i>emquanto</i>
77, 81, 92, 94, 95, 163, 197, 250, 275	<i>água</i>	<i>agoa</i>	<i>agua</i>
165, 302	<i>Céu</i>	<i>cêo, céo</i>	<i>ceo</i>
112	<i>enfim</i>	<i>em fim</i>	-
159	<i>vêem</i>	<i>vem</i>	<i>vem</i>
315	<i>ergueu</i>	<i>ergueo</i>	<i>ergueo</i>

### Divergência de formas concorrentes

Versos	HC	RH/RI	FS
3,104	<i>suspiro(s)</i>	<i>sospiro(s)</i>	<i>suspiro(s)</i>
6	<i>Devido</i>	<i>diuido</i>	<i>devido</i>
19, 25, 283	<i>esprito</i> <i>esp'rito</i> <i>esp'rito</i>	<i>sprito</i> <i>esprito/sprito</i> <i>spiritu</i>	<i>esprito</i> <i>esprito</i> <i>esprito</i>
36, 115, 94, 250	<i>com</i> <i>co'</i> <i>com</i> <i>Com</i>	<i>co/com</i> <i>co/com</i> <i>co</i> <i>côa/</i>	<i>com</i> <i>com</i> <i>com</i> <i>com</i>
38, 183, 320, 240	<i>pera</i> <i>Pêra</i>	<i>para</i> <i>pera/para</i>	<i>para</i> <i>para</i>
44, 134, 319	<i>Cuidado</i>	<i>cudado</i>	<i>cuidado</i>
46	<i>Cuidando</i>	<i>cudando</i>	<i>cuidando</i>
48	<i>Dezia</i>	<i>dizia</i>	<i>dezia</i>
59	<i>Veia</i>	<i>vea</i>	-
69	<i>Piadade</i>	<i>piadade</i>	<i>piadade</i>
70, 71, 150, 319	<i>milhor</i> <i>milhor</i> <i>milhor</i> <i>milhor</i>	<i>melhor</i> <i>melhor/igoal</i> <i>melhor/menos</i> <i>melhor</i>	<i>melhor</i> <i>igoal</i> <i>menos</i> -

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

75	<i>decera</i>	<i>descera/decera</i>	<i>decera</i>
80	<i>pequeno</i>	<i>piqueno</i>	<i>pequeno</i>
122	<i>áspid</i>	<i>aspide</i>	<i>áspid</i>
146	<i>pace</i>	<i>pasce/pace</i>	<i>pace</i>
168	<i>produz</i>	<i>produze/produz</i>	<i>produz</i>
183	<i>assim</i>	<i>assi</i>	<i>assi</i>
209	<i>leão</i>	<i>lião</i>	<i>leam</i>
217	<i>embuscado</i>	<i>emboscado</i>	<i>emboscado</i>
218	<i>cobiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>
284	<i>depois</i>	<i>despois</i>	<i>depois</i>
319	<i>cuidar</i>	<i>cudar</i>	-

**Divergência de leitura**

Vs	HC	RH	RI	FS	P
43	Quando o pastor co' o grave mal, que sente,	Quando o pastor co grave mal que sente,	Quando o pastor co grave mal que sente,	Quando o pastor co' o grave mal, que sente,	Quando o pastor, co grave mal que sente
54	<i>Ou tens de natureza tal ventura</i>	<i>E tês de natureza a tal ventura</i>	<i>E tês da natureza a tal ventura</i>	<i>Ou tens da natureza tal ventura</i>	<i>Ou tens de natureza tal ventura</i>
59	<i>E se soltas-se a veia lagrimosa,</i>	<i>E se tocas-se a veia lacrimosa,</i>	<i>E se soltas-se a veia lagrimosa,</i>	<i>E com esta corrente lacrimosa</i>	<i>E se tocasse a veia lacrimosa</i>
63	<i>Mas suspirar por ti, e mas bem-querer-te</i>	<i>Mas suspirar por ti, e bem-querer-te,</i>	<i>Mas suspirar por ti, e bem-querer-te,</i>	<i>Mas suspirar por ti, mas bem-querer-te</i>	<i>Mas suspirar por ti, mas bem-querer-te</i>
78	<i>Torna brando um penedo duro e forte,</i>	<i>Abranda hum penedo duro e forte,</i>	<i>Torna brando hum penedo duro e forte,</i>	<i>Torna brando um penedo duro e forte,</i>	<i>Abranda um penedo duro e forte,</i>
96	<i>Por que com esta o fogo mais se acende</i>	<i>Por que com esta o fogo mais me acende</i>	<i>Por que com esta o fogo mais me acende</i>	<i>Por que com esta o fogo mais se acende</i>	<i>Por que com esta o fogo mais se acende</i>
116	<i>Perdem o cravo, o lírio, e não florecem.</i>	<i>Perdem o crauo, e lírio, e não florecem,</i>	<i>Perdem o crauo, e lírio, e não florecem,</i>	<i>Perdem o cravo, o lírio, e não florecem.</i>	<i>Perdem o cravo, o lírio, e não florecem.</i>
120	<i>Que mais lhes doi que a sua a minha pena</i>	<i>Que mais lhe doe que a sua a minha pena</i>	<i>Que mais lhe doe que a sua a minha pena</i>	<i>Que mais lhes dói, que a sua, a minha pena</i>	<i>Que mais lhes dói, que a sua, a minha pena</i>
132	<i>Ser eu de ti o pastor</i>	<i>Ser eu de ti o pasto de-</i>	<i>Ser eu de ti o pastor</i>	<i>Que era o pastor de ti</i>	<i>Ser eu de ti o pasto de-</i>

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

	mais dese- jado,	sejado,	mais dese- jado,	<i>mais dese- jado;</i>	sejado,
238	Te <i>pude- ram</i> mover a grande espanto,	Te <i>poderão</i> mouer a grande es- panto,	Te <i>pude- ram</i> mover a grande espanto,	Te <i>pude- ram</i> mover a grande espanto,	Te <i>pude- ram</i> mover a grande espanto,
247	Quem te viu, e se vê de <i>ti</i> ausen- te,	Quem te vio, e se vê de <i>si</i> ausen- te	Quem te vio, e se vê de <i>si</i> ausen- te	Quem te vio, e se vê de <i>ti</i> ausen- te,	Quem te viu, e se vê de <i>si</i> ausen- te
258	Alegre toda a <i>terra ven- do</i> o dia,	Alegre toda a <i>terra a vendo</i> o di- a,	Alegre toda a <i>terra ven- do</i> o dia,	Alegre toda a <i>terra ven- do</i> o dia,	Alegre toda a <i>terra ven- do</i> o dia,
269	Na chama <i>e</i> no ardor, no fogo e calma,	Na chama, no ardor, no fogo, e calma,	Na chama, no ardor, no fogo, e calma,	<i>Nas cha- mas, e</i> no ardor, no fogo, e calma,	Na chama, no ardor, no fogo e calma,
299	<i>Co'o</i> rosto baixo, e al- to o pensa- mento	<i>Co</i> rosto baixo, e al- to o pensa- mento	<i>Co</i> rosto baixo, e al- to o pensa- mento	<i>Com</i> rosto baixo, e alto o pensa- mento,	<i>Co</i> rosto baixo, e al- to o pensa- mento

**Emendas a versos defeituosos**

Versos	HC	RH	RI	FS	P
11	Meu rudo verso, em cuja com- panhia	Meus ru- dos versos, em cuja companhia	Meu rudo verso, em cuja com- panhia	Meu rudo verso, em cuja com- panhia	Meus ru- dos versos: em cuja companhia
33	As vãs querellas <i>brandas</i> e amorosas,	As vãs querellas <i>bandas</i> e amorosas,	As vãs querellas <i>brandas</i> e amorosas,	As vãs querellas <i>brandas</i> e amorosas,	As vãs querelas, <i>brandas</i> e amorosas,
49	Ou tu do monte Pín- daso és na- cida,	Ou tu do monte Pín- daro es nascida,	Ou tu do monte Pín- daso es na- cida,	Ou tu do monte Pín- daso es na- cida,	_ Ou tu do monte Pín- daso és na- cida,
224	E <i>amor</i> , a quem já fe- rido o ti- nha	E <i>a amor</i> a quem já fe- rido o ti- nha	E <i>a amor</i> a quem já fe- rido o ti- nha	<i>Amor a quem já, já, ferido o tinha</i>	E <i>amor</i> , a quem já fe- rido o tinha

#### 4. A edição de Antônio Salgado Júnior (1963)

No prefácio, Salgado Júnior declara que sua edição, mesmo não sendo o que “pròpriamente se poderá chamar ‘crítica’ (...), exhibe “características muito especiais”. A começar pela finalidade, que é a de apresentar o texto da obra camoniana ao “leitor de agora”, da forma mais acessível possível, a começar pela atualização ortográfica e à “libertação em relação a qualquer tese de natureza mais ou menos erudita e problemática” (p. XV). Devemos acrescentar que, dentre os editores modernos, SJ foi o único a estabelecer critérios para a fixação dos textos, embora nem sempre os tivesse respeitado.

O editor esclarece que sua proposta de modernização não implica uma “transformação completamente deformadora das realidades linguísticas, artísticas, estéticas, etc., duma obra cujas características de criação quinhentista não podem ser esquecidas” (p. XV). Mas, para colocar em prática tal projeto, diz ter sido necessário “partir precisamente da prévia organização duma edição mais pròpriamente chamada crítica, expurgá-la de todo o aparato crítico que não fosse completamente necessário e subordiná-la enfim às soluções consideradas aplicáveis à facilitação nas condições já referidas.”

Declara ter reproduzido os textos “na versão em que foram apresentados pelo primeiro editor que os encontrou e publicou”, acreditando que este teria procedido com mais lisura do que os posteriores, que “introduziram modificações incontroláveis ou aceitaram cegamente as modificações introduzidas” (p. XVII). Mas informa que considera a possibilidade de reconstituição textual, nos casos em que as lições oferecidas por aquelas edições não pudessem ser consideradas corretas. No caso de intervenção, assegurava ele, era fundamental que se indicasse claramente ao leitor onde se fizera necessária.

Afirma ainda SJ “não julgar lícita qualquer substituição de arcaísmo por forma moderna, qualquer alteração de concordância envelhecida, (...) qualquer modificação na sintaxe quinhentista, por pequena que seja” (XVIII) e que em sua edição as intervenções se restringiriam à pontuação e à fonética.

Após a leitura da “Introdução Geral” e do confronto do texto com as demais edições, conclui-se que: a) O editor de 63 não segue como texto-base a *editio princips*, como afirma, mas RI, da qual re-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

produz inclusive a epígrafe: “Feita do Autor na sua puerícia”; b) assim como os demais editores, modernizou grafias e formas de época (no seu caso, com o claro propósito de facilitar a leitura dos textos de Camões aos “leitores de agora), de acordo com a finalidade de sua edição. Entretanto preferiu *pera* (RH), forma arcaica, quando no texto de RI se estampava *para*; c) quanto à deriva de formas concorrentes, como os outros editores, também mostrou suas preferências, que nem sempre coincidiram com as do texto-base; d) quanto à reprodução e fidelidade, o confronto mostra claramente que também este editor apresentou leitura isolada de versos. SJ preferiu ora a leitura de RH, ora a de RI e ainda a de FS, quando julgou necessário. Corrigiu os versos defeituosos, mostrando mais coerência do que seus antecessores.

A exemplo de Pimpão, juntou as partes separadas do advérbio *porventura*, (vs. 69). Já em relação à conj. *senão* (vs. 72), manteve as partes separadas do vocábulo.

### Modernização de formas de época

Versos	SJ	RH/RI	FS
25, 103, 205, 278, 282	<i>enquanto</i>	<i>em quanto</i>	<i>emquanto</i>
77, 81, 92, 94, 95, 163, 197, 250, 275	<i>água</i>	<i>agoa</i>	<i>agua</i>
112	<i>enfim</i>	<i>em fim</i>	-
165, 302	<i>céu</i>	<i>cêo/céo</i>	<i>ceo</i>
315	<i>ergueu</i>	<i>ergueo</i>	<i>ergueo</i>

### Divergência de formas concorrentes

Versos	SJ	RH/RI	FS
3, 104	<i>suspiro(s)</i>	<i>sospiro(s)</i>	<i>suspiro(s)</i>
6	<i>devido</i>	<i>diuido</i>	<i>deuido</i>
19, 25	<i>esprito</i>	<i>sprito</i>	<i>esprito</i>
283	<i>esprito</i>	<i>spiritu</i>	<i>esprito</i>
31	<i>melhor</i>	<i>milhor</i>	<i>melhor</i>
38, 183, 240, 319, 320	<i>pera</i> <i>pera</i> <i>pera</i> <i>pera</i>	<i>para</i> <i>pera/para</i> <i>para</i> <i>para</i>	- <i>para</i> <i>por</i> <i>para</i>
44, 134, 319	<i>cuidado</i>	<i>cudado</i>	<i>cuidado</i>
46	<i>cuidando</i>	<i>cudando</i>	<i>cuidando</i>
48, 93, 183	<i>assim</i>	<i>assi</i>	<i>assi</i>
59	<i>veia</i>	<i>vea</i>	-
71	<i>igual</i>	<i>melhor/igoal</i>	<i>igoal</i>

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

75	<i>descera</i>	<i>descera/decera</i>	<i>decera</i>
80	<i>pequeno</i>	<i>piqueno</i>	<i>pequeno</i>
130	<i>apascentar</i>	<i>apascentar/apacentar</i>	<i>apacentar</i>
145	<i>despois</i>	<i>depois</i>	<i>depois</i>
146	<i>pasce</i>	<i>pasce/pace</i>	<i>pace</i>
156, 294	<i>continuo</i>	<i>contino/continuo</i>	<i>contino</i>
168	<i>produz</i>	<i>produze/produz</i>	<i>produz</i>
209	<i>leão</i>	<i>lião</i>	<i>leam</i>
218	<i>cobiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>
302	<i>apiadou</i>	<i>apiadou</i>	<i>apiadou</i>
319	<i>cuidar</i>	<i>cudar</i>	-

**Divergência de leitura**

Versos	SJ	RH	RI	FS	HC
7	Só vós (Senhor) famoso e excellente,	Só vós (Senhor) famoso e excellente,	Sò vós se- nhor fer- moso e ex- cellente,	Só vós, Senhor, famoso, e excellente,	
14	Que o <i>rudo</i> engenho meu me a- lumiasse,	Que o <i>rude</i> engenho meu me a- lumiasse,	Qu' o <i>rude</i> engenho meu m' alumias- se,	Que o <i>rudo</i> engenho meu me a- lumiasse,	
49	Ou tu do monte Pin- daro es nascida	Ou tu do monte Pin- daro es nascida	Ou tu do monte Pin- daro es nascida	Ou tu do monte Pin- daro es nascida	
65	Se <i>deixares</i> vencer a crueldade	Se <i>deixâ- ras</i> vencer a crueldade	Se <i>deixâ- ras</i> vencer a crueldade	Se <i>deixâ- ras</i> vencer a crueldade	
90	Que se a- cende <i>fogo</i> em casa, ou torre,	Que se a- cende <i>fogo</i> em casa, ou torre,	Que se a- cende <i>al- gum fogo</i> em casa, ou torre,	-	
96	Por que com esta o fogo mais <i>se</i> acende	Por que com esta o fogo mais <i>me</i> acende.	Por que com esta o fogo mais <i>me</i> acende.	Por que com esta o fogo mais <i>se</i> acende	
129	Naquela parte <i>aon- de</i> costum- avas	Naquella parte <i>a- donde</i> cos- tumavas	Naquella parte <i>a- donde</i> cos- tumavas	Naquella parte <i>donde</i> costumavas	
174	Farás a noite escura <i>claro di- a;</i>	Faze esta noite escura <i>em</i> claro dia	Faras a noite escura <i>em</i> claro dia	Farás a noite escura <i>claro di- a;</i>	

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

178	<i>Deste nos- so horizon- te, que, es- condido</i>	<i>Do nosso Orizante, que escondi- do</i>	<i>Do nosso Orizante, que escondi- do</i>	<i>Deste nos- so horizon- te, que, es- condido</i>	
181	E quando torna <i>vir</i> claro, e lu- zente,	E quando torna a <i>vir</i> claro e lu- zente	E quando torna a <i>vir</i> claro e lu- zente	E quando torna a <i>vir</i> claro e lu- zente,	
197	Até debai- xo de <i>água</i> o peixe mudo	Até debai- xo d' <i>agoa</i> o peixe mudo	Até debai- xo d' <i>agoa</i> o peixe mudo	Debaixo <i>da</i> <i>agua fria</i> o peixe mudo	
224	E <i>amor</i> a quem já fe- rido o ti- nha.	E a <i>amor</i> a quem ja fe- rido o ti- nha.	E a <i>amor</i> a quem ja fe- rido o ti- nha.	<i>Amor</i> a quem já, já ferido o ti- nha.	
250	<i>Coa água</i> que lhe to- ca branda- mente	<i>Côa agoa</i> que lhe to- ca branda- mente,	<i>Co agoa</i> que lhe to- ca branda- mente,	<i>Com a á- gua</i> , que lhe toca branda- mente:	
269	Na chama e no ardor, no fogo e calma,	Na chama, no ardor, no fogo, e calma,	Na chama, no ardor, no fogo, e calma,	Nas cha- mas, e no ardor, no fogo, e calma,	Na chama e no ardor, no fogo e calma,
276	Contigo em <i>toda</i> <i>parte</i> me hás de a- char;	Contigo em <i>toda a</i> <i>parte</i> m'has de achar,	Contigo em <i>toda a</i> <i>parte</i> m'has de achar,	Contigo em <i>toda a</i> <i>parte</i> me has de a- char:	
277	Que o fogo em que ar- so, e a água em que me afogo,	Que a chama que me abrasa he de tal fogo,	Que o fogo em q arso, e a agoa em q me afoge,	Que o fo- go, em qu'ardo, e a agua em que me a- fogo,	
293	Até <i>quan- do</i> te veja entrar na Glória	Atè <i>que eu</i> te veja en- trar na glo- ria,	Atè <i>que</i> <i>quando</i> te veja entrar na gloria,	Atè <i>quan- do</i> vos veja entrar na gloria,	

**Emendas a versos defeituosos**

Versos	SJ	RH	RI	FS
11	<i>Meu rudo ver- so</i> , em cuja companhia	<i>Meus rudos</i> <i>versos</i> , em cu- ja companhia	<i>Meu rudo ver- so</i> , em cuja companhia	<i>Meu rudo ver- so</i> , em cuja companhia

33	As vãs querelas <i>brandas</i> e amorosas,	As vãs querelas <i>bandas</i> e amorosas,	As vãs querelas <i>brandas</i> e amorosas,	As vãs querelas <i>brandas</i> e amorosas,
49	_ Ou tu do monte <i>Pindaso</i> és nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaro</i> es nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaso</i> es nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaso</i> es nascida,
224	E <i>amor</i> , a quem já ferido o tinha	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha	<i>Amor a quem já, já, ferido o tinha</i>
240	E <i>a</i> mais, que pera mais he meu tormento	E mais, que pera mais he meu tormento	E <i>a</i> mais, que para mais he meu tormento	E <i>a</i> mais, que para mais he meu tormêto
275	Pôsto que <i>vas</i> por água, ferro ou fogo,	Posto que <i>va</i> por agoa, ferro ou fogo,	Posto que <i>vas</i> por agoa, ferro, ou fogo,	Posto que <i>vàs</i> por agua, ferro, ou fogo,

### 5. A edição de *Maria de Lurdes Saraiva* (80/81)

De acordo com o propósito da edição, em seus comentários ao texto, MLS tentou aclarar expressões correntes no século XVI, mas não mais acessíveis aos leitores modernos, procurando “facilitar” o acesso à leitura dos não familiarizados com a língua de Camões. Nas notas, propôs chaves de leitura para a écloga, bem como apontou as variantes existentes entre as edições quinhentistas, além de outros comentários úteis.

Como as anteriores, esta também não se pretende uma edição crítica. Do ponto de vista da transmissão textual, MLS expõe seu critério que é o de “seguir fielmente o primeiro texto publicado”. De fato, o texto-base é o de RH do qual reproduz inclusive a epígrafe. Demonstrando conhecer os inúmeros problemas relativos à transmissão dos textos pela tradição impressa, afirma ter respeitado o texto publicado na 1ª edição, com exceção de mudanças na pontuação, regularização do uso das maiúsculas e modernização da ortografia:

Respeitou-se o texto primitivo, optando por ele mesmo em alguns casos em que os editores modernos propõem novas grafias, a pretexto de que as das primeiras edições são lapso evidente. Pode o lapso ser do editor e não do texto. (...). Isto não significa que não existam erros que foram se acumulando durante as sucessivas cópias, até que os poemas vissem a letra de forma. Mas atenho-me aqui à advertência do primeiro editor: não posso localizar e corrigir erros; mas depende de mim não os acrescentar com o pretexto de novas correções. (I, p. 14-15).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Contudo, a editora nem sempre manteve a firmeza de propósitos: emendou versos, como mostra o cotejo feito, aliás, como toda a tradição impressa anterior a ela.

Por evidente falha de revisão, a edição inverte a ordem de 4 versos – no lugar do vs. 7, está o 9; no lugar do vs. 8, o 10; no lugar do vs. 9, o 7; e no lugar do vs. 10, o 8. O erro é tão grosseiro que não se pode imputá-lo à organizadora da edição, já que com tal disposição, destrói-se o esquema rimático das duas primeiras estrofes, que apresentam a seguinte ordem, respectivamente: AB/AB/AB/CD/AA/BC/BC/DD, quando o esquema canônico seria: AB/AB/AB/CC.

Quanto à modernização das formas, observa, com propriedade, que atualizar completamente a língua do século XVI “representaria por vezes o estropiar dos versos”. Preservou algumas formas de época, como *ũa* ou *minina*, que “não poderiam ser atualizadas sem prejuízo da eufonia dos versos”; também manteve, sempre que necessário, “o uso do apóstrofo, proscrito pelo moderno código ortográfico, mas indispensável para uma leitura correcta”; entretanto modernizou outras, como *água* ou *céu*, contrariando o *usus scribendi* da época, como os outros editores modernos da lírica.

A despeito da tentativa de emendar erros flagrantes, MLS deixa passar o do vs. 11 - hipermétrico em RH - corrigido em todas as outras edições, com exceção da do Prof. Pimpão, a quem a editora acompanha. MLS também ignora o erro de concordância no vs. 275, como alguns dos editores modernos. No vs. 50, troca a dissílaba *mármor* (leitura unânime) pela trissílaba *mármore*, em leitura isolada. Também reproduz erros que figuravam nas edições de 44 e 46, como a acentuação da forma *dêm*, por *dem*, no vs. 17.

Como as demais edições, não estabeleceu normas de transcrição textual, de tal forma que a modernização da grafia não segue um critério, nem mesmo o de reproduzir o texto de base, do qual discorda por vezes. Isto fica claro em relação aos dígrafos, em que ora se vê: *pace* (vs. 146) ou *crece* (vs. 156), sem o dígrafo, ao contrário da grafia encontrada em RH, ora não, como em *nascida* (vs. 49).

Como Pimpão, junta as partes separadas do advérbio *porventura*, (*por ventura* - vs. 69). Do mesmo modo procede em relação à conj. *senão* (vs. 72), ao contrário dos demais editores. Já em relação

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

a *porque* (prepos.+ pron., vs. 229), mantém o conglomerado ao invés de separá-lo, como seria o caso.

### Modernização de formas de época

Versos	MLS	RH	RI	FS
25, 103, 278, 282	<i>enquanto</i>	<i>em quanto</i>	<i>em quanto</i>	<i>emquanto</i>
77, 81, 92, 94, 5,163, 197, 250, 275	<i>água</i>	<i>agoa</i>	<i>agoa</i>	<i>agua</i>
112	<i>enfim</i>	<i>em fim</i>	<i>em fim</i>	-
159	<i>vêm</i>	<i>vem</i>	<i>vem</i>	<i>vem</i>
165, 302	<i>céu</i>	<i>cêo</i>	<i>céo</i>	<i>ceo</i>
315	<i>ergueu</i>	<i>ergueo</i>	<i>ergueo</i>	<i>ergueo</i>

### Divergência de formas concorrentes

Versos	MLS	RH/RI	FS
3, 104	<i>suspiro(s)</i>	<i>sospiro(s)</i>	<i>suspiro(s)</i>
6	<i>devido</i>	<i>diuido</i>	<i>deuido</i>
19, 25	<i>esprito</i>	<i>sprito</i>	<i>esprito</i>
31	<i>melhor</i>	<i>milhor</i>	<i>melhor</i>
36, 94, 115 250	<i>com</i> <i>coa</i> <i>co</i> <i>coa</i>	<i>co/com</i> <i>co</i> <i>co/com</i> <i>côa/co</i>	<i>com</i> <i>com</i> <i>com</i> <i>com</i>
44, 134, 319	<i>cuidado</i>	<i>cudado</i>	<i>cuidado</i>
46	<i>cuidando</i>	<i>cudando</i>	<i>cuidando</i>
59	<i>veia</i>	<i>vea</i>	-
80	<i>pequeno</i>	<i>piqueno</i>	
145, 284	<i>depois</i>	<i>depois</i>	<i>depois</i>
183	<i>para</i>	<i>pera</i>	<i>pequeno</i>
209	<i>leão</i>	<i>lião</i>	<i>leam</i>
218	<i>cobiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>	<i>cubiçoso</i>
283	<i>spírito</i>	<i>spiritu</i>	<i>esprito</i>
319	<i>cuidar</i>	<i>cudar</i>	<i>cuidar</i>

### Divergência de leitura

Versos	MLS	RH	RI	FS	P
50	Ou <i>mármore</i> te pariu, fermosa e dura,	Ou <i>marmorte</i> pario fermosa e dura,	Ou <i>marmorte</i> pario fermosa e dura,	Ou <i>marmorte</i> pario fermosa, e dura	ou <i>mármorte</i> pariu, fermosa e dura:
54	Ou tens de natureza <i>tal</i> ventura;	E <i>tês</i> de natureza <i>tal</i> ventura	E <i>tês</i> de natureza <i>tal</i> ventura	Ou tens <i>da</i> natureza <i>tal</i> ventura	Ou tens de natureza <i>tal</i> ventura
224	E <i>amor</i> , a quem já ferido o tinha	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha	<i>Amor</i> a quem já, já ferido o ti-	E <i>amor</i> , a quem já ferido o tinha

				nha.	
258	Alegre toda a terra vendo o dia,	Alegria toda a terra a vendo o dia,	Alegre toda a terra vendo o dia,	Alegre toda a terra vendo o dia,	Alegria toda a terra vendo o dia;

**Emendas a versos defeituosos**

Versos	MLS	RH	RI	FS
33	As vãs querelas <i>brandas</i> e amorosas	As vãs querelas <i>bandas</i> e amorosas	As vãs querelas <i>brandas</i> e amorosas	As vãs querelas <i>brandas</i> e amorosas,
49	“Ou tu do monte <i>Pindaso</i> és nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaro</i> es nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaso</i> es nascida,	Ou tu do monte <i>Pindaso</i> es nascida,
224	e <i>amor</i> a quem já ferido o tinha	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha	E <i>a amor</i> a quem ja ferido o tinha	<i>Amor a quem já, já, ferido o tinha</i>
240	<i>e mais</i> , que para <i>mim</i> é meu tormento.	<i>E mais</i> , que para mais he meu tormento	E <i>a mais</i> , que para mais he meu tormento	E <i>a mais</i> , que para mais he meu tormêto

Uma vez que não há qualquer testemunho manuscrito conhecido para a égloga, a reprodução do texto da 1ª edição da lírica, *Rhythmas* (RH), de 1595, é o mais recomendável por ser esta geralmente considerada um apógrafo impresso, originado de apógrafos manuscritos, como esclarece Soropita, organizador da edição, no “Prólogo aos Leytores”, onde afirma que se emendou somente “aquilo que claramente constou ser vício de pena”:

E com isto não resta mais que lembrar, que os erros que ouer nesta impressão, não passarão por alto à quem ajudou a compilar este liuro, mas achouse que era menos incoueniente irem assi como se acharão per cõferencia de algũs liuros de mão, onde estas obras andauão espedaçadas, que não violar as composições alheas, sem certeza euidente de ser a emêda verdadeira, porque sempre aos bõos entendimentos fiqua reserua-do julgarem que não são erros do author, senão vicio do tempo, e inaduerterencia de quẽ as trasladou. (...) E por isso se não bolio em mais que soo naquilo que claramente constou seruiçio de pena, e o mais vai assi como se achou scritto, e muito differente do que ouuera de ir se Luís de Camões em sua vida o dera à impressão (...).

Tal critério editorial, que visava à isenção e fidedignidade às lições manuscritas, nem sempre foi seguido pelas edições posteriores. Ao contrário, na segunda edição, *Rimas* (RI), de 1598, no “Prólogo ao Leitor”, o espírito corretivo do editor se manifestou logo nas primeiras linhas, ao declarar que:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Depois de gastada a primeira impressão das Rimas deste excelente poeta, determinando dallo segunda vez a estampa, procurei que os erros, q̄ na outra por culpa dos originaes se cometerão, nesta se emendassem de sorte, que ficasse merecendo conhecerse de todos por digno parto do grande engenho de seu autor (...) porque certo em muitas fabulas que toca o Autor em diuersas partes, & textura dos versos, assi se introdusirão os erros de quẽ os tresladaua, que ja quasi na opinião do vulgo se tinham por proprios de Luís de Camões. & se ainda assi não ficarem na realidade de sua primeira composição, baste que em quanto pude o cõmuniquei com pessoas que o entendião, conferindo vários originaes e escolhendo delles o que vinha mais proprio ao que o Poeta queria dizer, sem lhe violar a graça, & termo particular seu, que nestas cousas importa muto.

As inúmeras divergências atestadas no cotejo da tradição impressa quinhentista admitem a hipótese de consulta a fontes manuscritas diversas, para as quais não há hoje qualquer comprovação, ou mesmo de emendas conjecturais introduzidas pelo editor das *Rimas*. O fato é que muitos versos nesta edição aparecem emendados ou “aperfeiçoados” sem qualquer justificativa. Mas o confronto com a edição de Faria e Sousa permitiu-nos aquilatar a real dimensão dos abusos cometidos por este editor e pela tradição impressa que se lhe seguiu.

Embora seja unânime o reconhecimento por toda a tradição impressa moderna da preeminência das edições quinhentistas sobre as que as sucederam, “no intuito de corrigir” os erros que passaram, essas edições, não só “corrigiram”, mas interferiram nos textos daquelas. Quer adotassem RH como texto-base, quer RI; e, em alguns casos, as leituras corrompidas de Faria e Sousa, o confronto deixou claro que todas, sem exceção, se valeram das três edições, além de incorporarem lições isoladas, favorecendo a transmissão viciosa do texto.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Lírica de Camões. História, metodologia e corpus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

\_\_\_\_\_. *Lírica de Camões. Éclogas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 5, tomo I, 2002.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CAMÕES, Luís de. *Rhythmas*. Lisboa: Manoel de Lyra, 1595. Ed. fac-símile do exemplar pertencente à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras. Edição comemorativa do IV centenário da morte de Luís de Camões a 10 de junho de 1980.

\_\_\_\_\_. *Rimas*. Reprodução fac-similada da edição de 1598. Estudo introdutório de Vitor Manuel de Aguiar e Silva. Universidade do Minho, 1980.

\_\_\_\_\_. *Rimas várias*. Commentadas por Manoel de Faria y Souza. Nota introdutória do Prof. F. Rebelo Gonçalves. Prefácio do Prof. Jorge de Sena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1972, 5 t. em 2 v. Reprodução fac-similada da ed. de 1685. Edição comemorativa do IV centenário da publicação de *Os Lusíadas*.

\_\_\_\_\_. *Lírica*. Edição crítica pelo Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.

\_\_\_\_\_. *Rimas*. 3. ed. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Coimbra: Atlântida, 1973. [A 1. ed. é de 1944, a 2. ed. de 1953].

\_\_\_\_\_. *Obras completas*. Prefácio e notas de Hernâni Cidade. Lisboa: Sá da Costa, 1946, 5 v.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização, introdução, comentários e anotações de António Salgado Junior. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

\_\_\_\_\_. *Lírica completa*. Prefácio e notas de Maria de Lourdes Saraiva. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980-81, 3 v. Coleção Biblioteca de Autores Portugueses.